

Teatro
17, 18, 19 Março 2011

Holiday Férias

Um espectáculo
de Ranters Theatre

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Conceito e encenação Adriano Cortese **Texto** Raimondo Cortese
Desenho e operação de som David Franzke **Desenho de luz** Niklas Pajanti
Cenário (adaptado da cenografia original) Anna Tregloan
Interpretação e co-criação Paul Lum e Patrick Moffatt
Produção Alison Halit **Companhia financiada por** Arts Victoria e Arts House
Tradução Rui Pires Cabral **Operação da legendagem** Anita Lopes
Estreia Melbourne em Agosto de 2007

Outras apresentações: de 24 a 27 de Março no Estúdio Zero
a convite do Teatro Nacional São João (Porto), inseridas no programa Odisseia.

Qui 17, Sex 18, Sáb 19 de Março
21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h20 · M12
Espectáculo em inglês, com legendas

Holiday começou como uma espécie de investigação cultural sobre fazer férias inspirada pelas imagens de turistas ocidentais a apanhar sol no meio da carnificina do tsunami de 26 de Dezembro de 2004. Durante os dois anos seguintes evoluiu gradualmente para uma exploração muito íntima da relação entre dois homens. Neste contexto *Holiday* passou a representar não umas férias num sentido literal mas uma relação que é criada livre dos rigores e objectivos do dia-a-dia.

Ao mesmo tempo quisemos desafiar a nossa própria prática teatral. Não queríamos criar uma demonstração ficcional óbvia para exprimir as nossas ideias. Interessava-nos uma abordagem documental da *performance*. As vidas e histórias de todos nós tornaram-se

parte integrante da relação, desenroladas na peça, criadas e recriadas momento a momento. O que começámos a descobrir foi uma meditação subtil e suave sobre os espaços entre as pessoas, sobre as vidas e histórias que transportamos todos os dias e sobre esse estranho e fugidio estado que é a desconstracção.

Adriano Cortese

Bem real

Dois homens estirados em cadeiras de praia. Dois homens a chapinhar numa piscina de borracha. Dois homens a falar, ouvir e partilhar silêncios. São férias, os dias são compridos. Não acontece grande coisa. Ou sim?

Não há muita acção em *Holiday*, o último espectáculo da criticamente elogiada companhia de Melbourne Ranters Theatre. Também não há intriga, personagens, cenário ou figurinos elaborados. Só actores a serem eles próprios, no aqui e agora.

“É tal e qual como no dia-a-dia”, diz o dramaturgo Raimondo Cortese. “Pode não haver nenhuma intriga consciente, mas há muita coisa que pode acontecer entre duas pessoas que se encontram. Essas pequenas coisas são muito mais fascinantes e muito mais reveladoras de quem somos do que qualquer intriga convencional.”

Os dois homens em *Holiday*, os actores Paul Lum e Patrick Moffatt, encontram-se e conversam sobre coisas aparentemente triviais: a natureza de estar de férias; a natureza do trabalho; noções de celebridade; experiências que tiveram na infância; filosofia e religião. O silêncio também é importante. Por baixo da conversa, as emoções vêm à superfície. De vez em quando, os actores põem-se a cantar canções barrocas para exprimir saudade ou as coisas de que não podem falar em palco.

“É sobre a intimidade entre dois homens que surge quando se retiram as preocupações do dia-a-dia”, diz Cortese. “Quando não há trabalho de que falar nem problemas para discutir, nada de

que fugir. É um espaço raro e por isso é que lhe chamamos *Holiday*.”

“Em férias não temos de pensar sobre o passado ou podemos fingir que somos outra pessoa. É um espaço onde se pode apenas ser. E neste espaço, dois homens desenvolvem uma genuína amizade. É bastante bonito de assistir.”

O Ranters Theatre é composto por Raimondo, pelo irmão mais velho Adriano Cortese e um núcleo de actores que trabalham juntos há catorze anos. Raimondo escreve os textos, Adriano encena. (“O meu trabalho é escrever bem e depois entregar o texto”, explica Raimondo. “Nem sequer vou aos ensaios.”)

Descrevem o seu trabalho como “pós-dramático”, um abandono da escrita tradicional que é trocada por textos fragmentários e não-lineares e por elementos multimédia.

“A ideia do teatro tradicional em que se põe em cena uma ficção e se faz de conta que é real parece-nos simplesmente tonta”, diz Adriano. “Preferimos pôr em cena um intérprete em tempo real e deixá-lo falar connosco. Os actores não estão a desempenhar um papel; estão a ser eles próprios.”

Holiday já foi representado perante lotações esgotadas em Melbourne e teve críticas entusiastas. Os espectadores são de tal modo arrebatados por este “real” que alguns se envolveram em conversas com os actores durante o espectáculo.

“Não é um espectáculo interactivo, isso assusta toda a gente”, diz Raimondo a rir. “Mas há uma vividez e uma imediatez; as pessoas deixam-se imergir nesta conversa que está a acontecer mesmo à sua frente e de vez em quando alguém espontaneamente intervém.

“Os actores limitam-se a sorrir ou respondem e regressam ao texto. Mas essa é uma maneira de desmontar os mecanismos teatrais.

“Em todo o nosso trabalho há muito humor e isso também preenche o espaço que nos separa do público. Em vez de se rirem de uma piada, estão a rir-se de algo que reconhecem em si próprios.” Alguns críticos compararam *Holiday* a *À Espera de Godot* de Samuel Beckett, celebradamente descrita como uma peça onde “nada acontece, duas vezes”. Raimondo concorda que é semelhante na medida em que não tem princípio, meio ou fim. Mas em *Godot* há quatro personagens ficcionais, não actores que fazem de si próprios. E acontece mesmo alguma coisa em *Holiday*: dois homens tornam-se amigos.

“Estamos a dizer ao público: ‘Não estejam à espera de drama, descontraiam, vejam e envolvam-se.’ É sobre fazer com que o público se sinta tão exposto como os actores e se sinta à vontade com isso. É muito, muito pessoal, como um mundo confessional.

“Este estilo de espectáculo permite um tipo de intimidade que não estaria presente de outro modo. Acho que é um lugar muito entusiasmante para se estar.”

Elissa Blake

The Sydney Morning Herald,
Janeiro 2009



Ranters Theatre

Ranters Theatre é uma companhia australiana fundada em Melbourne em 1994 por diplomados do Victorian College of the Arts. É constituída pelo director artístico Adriano Cortese, o escritor Raimondo Cortese, a produtora Alison Halit e os actores Heather Bolton, Beth Buchanan, Kris Bidenko, Zoe Burton, Paul Lum e Patrick Moffatt.

As suas digressões internacionais incluem passagens por Berlim, Manchester, Cardiff, Groningen, Aarhus, Dublin e Nova Iorque. *Roulette (Parts 1 & 2)* passou pelo Porto em 2001 (PoNTI) e por Coimbra em 2003, durante a Semana Internacional de Teatro; em 2003, a Semana Internacional de Teatro apresentou *St. Kilda Tales* no Porto (TNSJ) e em Coimbra (TAGV).

Holiday recebeu cinco Green Room Awards em Melbourne em 2007 e o prémio de melhor intérprete masculino do Dublin Fringe Festival 2009 para os seus dois actores.

Produções:

- 1994 *Lucrezia & Cesare*
- 1995 *The Room*
The Fertility Of Objects
The Large Breast or The Upside Down Bell
- 1996 *Inconsolable*
- 1997 *Features Of Blown Youth*
- 1998 *Borneo*
- 2001 *St Kilda Tales*
- 2002 *Roulette Part 1 & 2*
- 2003 *The Wall*
- 2005 *Roulette Part 3*
- 2005 *One session of Ride in Movies*
- 2007 *Holiday*
- 2009 *Affection*
- 2010 *Intimacy*

www.ranterstheatre.com

Agradecimentos:

Teatro Nacional D. Maria II

Próximo espectáculo

Carlos Barretto Lokomotiv

Jazz Sex 25 Março

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h10 · M12

Contrabaixo Carlos Barretto

Guitarra Mário Delgado

Bateria e percussões José Salgueiro

Já lá vão 15 anos. Obrigado Mário e José por terem alinhado neste projecto desde o início e sobretudo por ainda cá estarem – este grupo representa praticamente metade da minha carreira profissional. Obrigado pelas loucas viagens sonoras que temos feito juntos. Vocês sempre aceitaram e acataram os meus caprichos estéticos, as minhas ideias bizarras, as minhas vontades de mudança de direcção, que nos conduziram por vezes a encruzilhadas de carácter duvidoso e nos obrigaram a rectificar o tiro antes de o barco se afundar, por minha culpa.

Eles diziam que eu era maluco, por querer experimentar isto ou aquilo. Só que ainda era mais obstinado do que maluco. Ia à mesma para a frente com a ideia que envergava, e eles lá experimentavam também. Assim caminhámos juntos por terrenos desconhecidos, às escuras, confiando uns nos outros, aprendendo a conviver com o risco e



© Bernardo Sassetti

com o pânico. Com essas venturas e desventuras, ganhámos a possibilidade de crescer juntos musicalmente e de criar uma sonoridade que nos identifica, que só a nós pertence, dando-nos força e curiosidade para seguirmos juntos.

De há uns anos a esta parte, este percurso chegou a um ponto onde realmente não me sinto o líder – no sentido tradicional do termo – desta máquina musical, porque somos como um cérebro tripartido que vai cozinhando a matéria sonora conforme vão aparecendo possíveis engrenagens, propostas por cada uma das partes, e isso eu acho ser quase um milagre. A nossa experiência passada trouxe-nos as ferramentas com que no presente trabalhamos as ideias para o futuro.

Carlos Barretto

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado
Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
Pietra Fraga

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes
Produção
Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira
Culturgest Porto
Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira
Rita Duarte estagiária

Publicações

Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez
Clara Troni
Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino
coordenador
Paulo Abrantes
chefe de áudio
Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe
Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira
Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho
Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes
Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1
Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03
culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
